

PESQUISA EM ARTE: APONTAMENTOS E REFLEXÕES

Manoela dos Anjos Afonso, afonso.manoela@gmail.com

FAV/UFG

Resumo

Este artigo é composto por parte da minha dissertação de mestrado. Muitas das perguntas feitas aqui surgiram a partir do meu próprio processo enquanto aluna do Programa de Pós-Graduação em Cultura Visual, da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás, na área de concentração *Processos e Sistemas Visuais*, linha de pesquisa *Poéticas Visuais e Processos de Criação*. Busco compartilhar algumas dúvidas com as quais me deparei no decorrer desse percurso: Quais deveriam ser as matrizes teóricas e metodológicas utilizadas pelo artista que realiza sua pesquisa poética no âmbito acadêmico? As atuais exigências de formatação de teses e dissertações realizadas nessa linha de pesquisa estão coerentes com o fazer artístico e com o processo/registo desse conhecimento? O que apresentar no momento da qualificação, visto que o fazer artístico e a pesquisa teórica estão em pleno processo de construção? Para que servem e como são utilizadas pela banca examinadora as exposições montadas por ocasião das defesas de pesquisas em arte? Será que elas não poderiam ocorrer num momento anterior à defesa para que fossem devidamente registradas e pudessem fazer parte, inclusive, do corpo da pesquisa, e não apenas dos anexos? Enfim, coloco essas e outras questões na roda de discussão para que possamos estabelecer trocas e identificar alguns modos – mesmo que móveis - de operar enquanto pesquisadores em arte.

Palavras-chave: poéticas visuais, pesquisa em arte, processos de criação, escritos de artista, crítica de processo.

Abstract

This paper is composed from part of my master dissertation. Many of the questions here presented came from my own learning process as a master student of the Postgraduate Program in Visual Culture at the Faculdade de Artes Visuais of the Universidade Federal de Goiás, in the field of Visual Systems and Processes and research topic on Visual Poetics and Creation Process. I would like to share some doubts that I have faced during this process: What should be the theoretical and methodological matrixes used by the artist to make academic researches? Are the current dissertation and thesis format requirements used in that research topic coherent with the artistic making and the process/register of that knowledge? What should be presented in the qualification test, since the artistic making and theoretical research are still being constructed? What is the purpose of and how are used by the academic board the expositions on the judgment at the defence of art researches? Shouldn't they be made previously to the defence in order to be registered and incorporated to the results of the research document and not only as an attachment? Anyway, I put these and other questions into discussion in order to identify some ways, even if movable, to act as art researchers.

keywords: visual poetics, art research, creation process, writings of artist, process criticism.

Quais deveriam ser as matrizes teóricas e metodológicas utilizadas pelo artista que realiza sua pesquisa poética no âmbito acadêmico? Essa foi uma das perguntas que me acompanhou durante praticamente todo o meu percurso enquanto mestranda e pesquisadora em Poéticas Visuais, do Programa de Pós-Graduação em Cultura Visual, da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás (FAV/UFG). Durante o processo de produção da minha dissertação de mestrado, muitas incertezas com relação à

metodologia e ao corpo teórico que eu deveria utilizar estiveram presentes. Ao chegar ao final dessa etapa acadêmica percebi que ao invés de encontrar possíveis respostas, mais e mais perguntas apareceram:

- *Afinal, a quais critérios uma pesquisa em Poéticas Visuais no âmbito acadêmico deve atender?*

- *O que a Universidade espera do pesquisador em arte?*

- *Qual tem sido o destino dessa produção acadêmica/artística?*

Por hora, não tenho respostas. Apenas sinto, sem muita objetividade, quais caminhos devem ser evitados ou descartados. Atualmente, no Brasil, muitos programas de pós-graduação em arte possuem linhas de pesquisa em Poéticas Visuais, mas parece que as discussões a respeito da pesquisa em arte são ainda um tanto ensaísticas. Os parâmetros metodológicos, teóricos ou formais específicos à construção de teses e dissertações nessa área parecem ainda inconsistentes/inconscientes. Isso é bom, pois talvez uma pesquisa em arte totalmente institucionalizada, aparada por moldes normativos, não seja de fato possível. Mas o ponto negativo dessa situação talvez se reflita na insegurança com a qual o pesquisador em arte tem que lidar, a qual pode levá-lo a desfechos frustrantes para sua pesquisa. Devido a tal imprecisão, e também a uma pressão institucional de certa forma velada, muitas vezes ocorrem apropriações de procedimentos metodológicos, matrizes teóricas e padrões de escrita de outros campos do conhecimento. Penso que o artista procure na academia não uma oportunidade de dissecar ou decodificar o seu trabalho artístico, mas sim de discuti-lo *poeticamente* compreendendo os processos de produção que o envolvem.

Algumas produções acadêmicas em Poéticas Visuais têm revelado que o artista parece ocupar o lugar do teórico – historiador, filósofo, sociólogo ou crítico – ao analisar sua própria produção artística. Esse não seria o papel do pesquisador em História, Teoria e Crítica da Arte? Em alguns desses trabalhos o texto se torna extenso e o trabalho artístico fica em segundo plano – muitas vezes a ponto de nem ser mostrado. Buti (2005, p.89) chama a atenção para “os equívocos decorrentes da tentativa de reduzir a realização artística a esquemas conceituais de outras áreas do conhecimento”, fato que faz com que a arte seja “forçada a se amoldar a um quadro conceitual que não é o seu (...)”

(Buti, 2005, p.90). E qual seria, então, um possível quadro conceitual para a pesquisa em arte na universidade?

Uma pesquisa em Poéticas – visuais ou outras – talvez devesse procurar revelar os interesses, as descobertas, os relatos técnicos e poéticos do artista a partir do seu fazer.

Trata-se aqui da presença do artista como produtor de conhecimento através da particularidade de seu *pensamento visual*¹, por meio de obras e/ou ações. Tal atividade central pode ser acompanhada da palavra, mas também pode e deve ser suficiente em si mesma (Buti, 2005, p.90, grifo meu).

Paula Almozara², membro externo convidado para fazer parte da minha banca de defesa, fez interessantes apontamentos referentes às questões metodológicas levantadas em minha dissertação de mestrado: durante a sua fala, ela sugeriu que talvez a metodologia da pesquisa em arte seja a própria linguagem utilizada pelo artista em sua produção poética. Chamou a atenção também para aspectos da reflexão teórica, a qual deve existir para transformar a obra em curso e não para simplesmente justificá-la.

Numa conversa informal com Marco Buti, em 2007, falávamos a respeito das fontes que eu estava utilizando na construção teórica da minha pesquisa. Eu lhe contei que, naquele momento, estava lendo Deleuze. Então ele fez uma observação seguida de uma pergunta:

- *Cuidado para que o seu trabalho não se transforme numa ilustração³ de Deleuze... Você tem lido os escritos de artistas?*

Essas duas colocações reconduziram todo o meu processo de pesquisa. Imediatamente a essa pergunta, lembrei-me das observações feitas pela artista e professora da Universidade Federal de Uberlândia, Claudia França, após minha apresentação oral na ANPUH⁴. Ela chamou a atenção para aspectos poéticos do trabalho que não estavam sendo discutidos; minha pesquisa estava se transformando numa análise social, cultural e histórica do meu objeto de pesquisa. Ela sugeriu que eu falasse mais das questões referentes aos elementos formais e poéticos, assim como dos processos de construção do meu próprio trabalho artístico.

E foi assim, ao tentar captar no ar quais poderiam ser as direções a seguir, que pude então estabelecer parâmetros mínimos para a construção da

minha dissertação: admiti que ela não deveria ser uma pesquisa calcada estruturalmente em matrizes teóricas da história, da filosofia, da sociologia, dos estudos culturais ou outras. Percebi que o meu referencial teórico deveria apenas transitar poeticamente entre a arquitetura, a literatura, a filosofia, a história, a história da arte, os escritos de artistas. Ou seja, eu não precisaria falar como alguém que ocupa o lugar do arquiteto, do escritor, do filósofo ou do historiador. Enquanto pesquisadora em arte eu deveria me colocar no lugar do artista e procurar a compreensão do meu objeto de pesquisa a partir do meu fazer artístico. Com Marco Buti e Fayga Ostrower percebi, a tempo, que a pesquisa poética já contém no seu âmago toda a complexidade desses conteúdos. Isso não quer dizer que o exercício da leitura, a reflexão teórica e a construção textual embasada não existiram; muito pelo contrário. Apenas admiti que as minhas experiências artísticas deveriam ser o meu foco de atenção e relatadas com mais respeito, autonomia e liberdade do que eu havia imaginado no início do mestrado⁵.

Ao tatear um possível corpo teórico para a construção da minha pesquisa, percebi na crítica de processo uma fonte de apontamentos metodológicos facilitadores da difícil tarefa de abordar a própria produção artística no âmbito acadêmico. Segundo Salles (2006), a crítica de processo é um método de interpretação relacional que procura compreender o fazer artístico, ou seja, ela busca identificar e relacionar os elementos gerados durante os percursos que levaram à feitura de determinada obra. Diários, breves anotações, esboços, rascunhos, projetos, lugares, objetos e vestígios indicadores dos modos de agir e pensar do artista são documentos, os quais somados à linguagem artística utilizada pelo pesquisador ao dar corpo à sua obra, compõem o corpo metodológico individual e complexo de cada pesquisa em arte. Livros, filmes, músicas, além de comportamentos que envolvam relações pessoais, hábitos, rotinas ou histórias de vida, podem, igualmente, ser detentores de dados reveladores dos porquês das escolhas e dos modos de ação em direção à realização de determinado trabalho artístico.

Ressalto que não considero a crítica de processo a fonte metodológica ideal a ser utilizada na pesquisa em arte, mesmo porque ela é dirigida a outros profissionais: ao crítico de processo e ao crítico genético. No entanto, não posso deixar de reconhecer que foi através das leituras que fiz a seu respeito

que pude estabelecer alguns parâmetros para a construção da minha dissertação de mestrado. Percebi, aos poucos, que “a obra não é fruto de uma grande idéia localizada em momentos iniciais do processo, mas está espalhada pelo percurso” (Salles, 2006, p.36). Foi ao tentar visualizar tal percurso que defini, então, os passos em direção à concretização da minha pesquisa.

O primeiro passo foi realizar um levantamento do maior número de dados referentes aos processos de produção do meu objeto de pesquisa. Iniciei, assim, uma longa retrospectiva referente à minha experiência artística e, apesar da dificuldade em manter o foco devido, principalmente, à complexidade do universo autobiográfico no qual adentrei, procurei sempre ter em mente a seguinte pergunta: o que de fato é relevante ressaltar, do ponto de vista poético, a respeito do objeto de pesquisa em questão? Durante o processo de coleta de dados – o qual se transformou num verdadeiro garimpo em agendas velhas, fotografias, arquivos de computador, caixas de sapato cheias de papéis – busquei primeiramente compreender a relevância de cada um dos documentos encontrados e, em seguida, selecionar o que fosse mais importante. Essa tarefa demandou muito tempo, pois mergulhar numa pesquisa autobiográfica consumiu muito de minhas energias física e emocional. Cada dado encontrado funcionou como uma máquina do tempo, pois me transportou para diversas dimensões do passado. Cada nova relação entre dados coletados funcionou como uma auto-análise, pois no decorrer desse levantamento percebi que nem mesmo a menor das decisões esteve desconexa dentro não só da cadeia produtiva relacionada ao meu fazer artístico, mas também da que diz respeito às minhas escolhas de vida. Durante esse levantamento de dados muitas conexões entre gestos, gostos, ações e pensares foram maravilhosamente desveladas, num processo surpreendente de auto-conhecimento⁶.

O segundo passo foi dado a partir da seguinte pergunta: de que maneira organizar todos os dados até então coletados? Para tentar controlar ao menos um pouco a desordem gerada por todos os elementos que eu tinha em mãos, criei o *blog*⁷ *Memórias de uma Dissertação*⁸. Ele foi uma das soluções encontradas de imediato para resolver esse problema. Além de me auxiliar na organização dos dados, percebi que ele também poderia me proporcionar algumas experiências interessantes: disponibilizar na internet uma parte do

meu processo de pesquisa levou-me a compartilhar com outras pessoas os dados coletados, a bibliografia utilizada, a relação de sites pesquisados, entre outras informações. Disponibilizei, sem querer, parte do meu processo acadêmico e o meu objeto de pesquisa à discussão: comentários, opiniões, críticas, sugestões vindos de fora do meu “ruminar íntimo” foram extremamente relevantes, pois a análise do próprio processo de criação é uma tarefa difícil de realizar, sobretudo porque ele acompanha as cadeias de pensamento, ou seja, está sempre em movimento. Ter uma interlocução constante, mesmo que virtual, foi muito favorável ao andamento da pesquisa. Segundo Salles (2006, p.19), “a criação artística é marcada por sua dinamicidade que nos põe, portanto, em contato com um ambiente que se caracteriza pela flexibilidade, não fixidez, mobilidade e plasticidade”. Trabalhar com dados que mudam de significado a cada instante exige certa habilidade para estabelecer cortes - temporais, de deslocamentos, de adições e subtrações de informação. Como afirma Salles (2006, p.23), “lidamos com um tempo da criação artística em uma perspectiva não linear”. A rede também funciona nessa não-linearidade. Ao disponibilizar o conteúdo da minha pesquisa num blog, pude encontrar um eixo narrativo, porém sempre móvel, de modo a ampliar meu próprio objeto de pesquisa através das interferências/leituras feitas pelos visitantes/receptores nesse espaço virtual.

Buscar compreender qual seria o texto da minha dissertação de mestrado através da construção de um blog me fez pensar muito a respeito das normas que as pesquisas em arte precisam cumprir há tempos. **Será que as atuais exigências de formatação de teses e dissertações realizadas nessa linha de pesquisa estão coerentes com o fazer artístico e com o processo/registro desse conhecimento?** Talvez um blog possa ser uma das inúmeras formas de apresentação do corpo teórico de uma pesquisa em arte. Definitivamente, o formato impresso em papel A4 nas normas da ABNT precisa ser revisto, pois muitas vezes ele não atende às necessidades formais de uma proposta artística de pesquisa acadêmica.

Outro momento/ritual a ser revisado dentro dos processos acadêmicos de produção de conhecimento é a qualificação: **o que apresentar no momento da qualificação visto que os fazeres artístico e teórico estão em pleno processo de construção?** Talvez uma visita ao ateliê/escritório do

pesquisador pudesse revelar muito mais a respeito dos avanços em sua pesquisa do que uma apresentação de slides feita em sala fechada. Por que não apresentar à banca de qualificação os odores, a dinâmica, a alma dos lugares nos quais surge o trabalho artístico do pesquisador em avaliação? De repente uma pré-exposição – ou a própria exposição de fato - pudesse ser montada para que a produção artística falasse por si mesma e as questões-chave da pesquisa poética pudessem ser discutidas antecipadamente. Venho refletindo muito a respeito dessa questão, principalmente após a experiência de montar uma exposição do meu objeto artístico para o momento da defesa. Fico a me perguntar: **afinal, para que servem e como são utilizadas pela banca examinadora as exposições montadas por ocasião das defesas de pesquisas em arte? Será que elas não poderiam ocorrer num momento anterior à defesa para que fossem devidamente registradas e pudessem fazer parte, inclusive, do corpo da pesquisa, e não apenas dos anexos?** Talvez a qualificação fosse de fato um dos bons momentos para se apresentar a produção artística, pois dessa maneira o pesquisador teria tempo hábil para incorporá-la não só como mero elemento de um processo acadêmico, mas também como um novo valor a ser agregado ao seu próprio objeto de pesquisa. Afinal, não é na recepção que a produção artística se completa para então ganhar desdobramentos? Certamente, a partir da observação de um ciclo mais completo da obra artística (criação-execução-exposição-recepção), novos significados e sentidos poderiam surgir para complementar e enriquecer o processo.

O pesquisador em arte precisa produzir com liberdade, principalmente no que diz respeito à apresentação da sua produção, à forma de escrita e de apresentação do seu texto (se é que ele seja mesmo necessário), à origem das fontes de referência e à utilização das mesmas. Mas, evidentemente, estamos muito longe daquilo que poderia ser o exercício dessa liberdade. A pesquisa em arte é uma produção de conhecimento distinta daquela relacionada às áreas ditas científicas e, portanto, não pode simplesmente se amoldar às suas especificidades formais, teóricas e/ou metodológicas.

Marco Buti aponta para um grave problema que atinge a pesquisa em arte nas Universidades:

pelos atuais critérios de avaliação, tudo o que for encaminhado em perfeito acordo com os padrões acadêmicos tende mais a ser aceito, já que o trabalho em si não precisa ser visto (...). Se o trabalho em si fosse de fato o centro das avaliações, talvez as diferenças, por vezes gritantes, pudessem ser notadas. (...) Como, portanto, avaliar rigorosamente, se o foco não incide sobre a grande dificuldade do artista, a realização da obra? (Buti, 2005, p.96).

Espero, através desse breve artigo, contribuir para que as discussões a respeito da linha de pesquisa em Poéticas Visuais se estabeleçam com mais frequência e ganhem força, principalmente dentro do próprio Programa de Pós-Graduação em Cultura Visual da FAV/UFG. Afinal, uma pesquisa em arte realizada dentro do contexto da Cultura Visual deve apresentar uma abordagem diferenciada daquelas propostas feitas pelos demais Programas de Pós-Graduação em Arte existentes no Brasil. Cabe a nós – mestrandos, mestres e professores do programa – compreendermos melhor essa proposta para então desenvolvê-la seja teoricamente ou metodologicamente.

Bibliografia

ANTUNES, Arnaldo. **Como é que chama o nome disso**: antologia. São Paulo: Publifolha, 2006. 391 p.

BASBAUM, Ricardo. **Além da pureza visual**. Porto Alegre: Zouk, 2007. 160 p.

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. In BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 165-196.

BUTI, Marco; LETYCIA, Anna (Orgs). **Gravura em Metal**. São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial do Estado, 2002. 296 p.

BUTI, Marco. **Caros artistas, pesquisem. É suficiente**. In *Ars*: publicação do Departamento de Artes Plásticas da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. vol. 3. nº 6. São Paulo: O Departamento, 2005. p. 88-97.

GRAVURA BRASILEIRA HOJE: depoimentos. Rio de Janeiro: Oficina de Gravura Sesc Tijuca, 1995. v. 1. 148 p.

GUATARRI, Félix. **Caosmose**: um novo paradigma estético. São Paulo: Ed. 34, 2006. 208 p.

KOMESU, Fabiana Cristina. **Blogs e as práticas de escrita sobre si na internet**. In MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos. *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. 2 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 110-119.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1978. 187 p.

_____. **A sensibilidade do intelecto**. 6 ed. Rio de Janeiro: Campus, 1998. 328 p.

REY, Sandra. **Da prática à teoria: três instâncias metodológicas sobre a pesquisa em poéticas visuais**. In PORTO ARTE. v. 7, n. 13. Porto Alegre, 1996. p. 81-95.

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto inacabado: processo de criação artística**. 2 ed. São Paulo: FAPESP: Annablume, 2004. 168 p.

_____. **Redes da criação: construção da obra de arte**. São Paulo: Horizonte, 2006. 176 p.

ZAMBONI, Silvío. **A pesquisa em arte: um paralelo entre arte e ciência**. São Paulo: Autores Associados, 1998. 112 p.

Currículo Resumido

Manoela dos Anjos Afonso. Artista Visual. Graduada em Educação Artística com Habilitação em Artes Plásticas pela Faculdade de Artes do Paraná (2000) e pós-graduada em Fundamentos do Ensino da Arte pela mesma instituição (2003). Mestre em Cultura Visual pela Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás com projeto na linha de pesquisa Poéticas Visuais e Processos de Criação. Professora Substituta da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás.

Notas

¹ Esse termo se aplica principalmente às artes visuais, mas pode ser estendido a outros campos das artes: pensamento corporal, sonoro, tátil, enfim, pensamento artístico.

² Professora Doutora Paula Cristina Somenzari Almozara. Membro externo convidado para compor minha banca de defesa, a qual ocorreu no dia 27 de março de 2008.

³ Paula Almozara, mais uma vez numa de suas falas durante a minha defesa, comentou que a ilustração pode sim existir desde que, no processo de pesquisa em arte, o pesquisador use seu próprio trabalho para ilustrar a si mesmo.

⁴ Associação Nacional dos Professores Universitários de História. Evento realizado em setembro de 2007 pelo departamento de História da Universidade Federal de Goiás.

⁵ “Para passar de um lugar a outro existem as portas. Em geral são de madeira, mas às vezes não. De ferro em geral são os portões, mas às vezes de madeira. Portões de madeira chamam-se porteiros. Para sair de um lugar entrando em outro, como nos portos, as portas existem. As moscas pousam nelas. Os meios de transporte chegam e vão embora. As portas são meios de transporte que ficam no mesmo lugar. Em geral brancas, como as paredes são geralmente. Movem-se mas ficam no mesmo lugar, como o mar. As moscas pousam nelas, depois voam. Voam, depois pousam nelas. As paredes ficam paradas. Aranhas fazem teias nelas. Não nas portas, que têm dois lados; nas paredes, que têm só um lado, ou outro. Os olhos pousam nelas” (Antunes, 2006, p. 89). Assim como a mosca, procurei voar e pousar, pousar e voar, inúmeras vezes e de formas diferentes, naqueles campos do conhecimento necessários ao entendimento do meu objeto de pesquisa e à construção textual da minha dissertação. Procurei ir de um lugar a outro utilizando as devidas portas, movendo-me, mas ficando no mesmo lugar - o lugar da arte. Procurei, tal qual a aranha, tecer teias entre paredes – e portas - com o objetivo de transitar poeticamente entre conhecimentos.

⁶ “O grande projeto do artista, imerso em sua cultura e tradição, é vinculado a suas necessidades, paixões e desejos. Trata-se de um conjunto de comandos éticos e estéticos, ligados a tempos e espaços, e com fortes marcas pessoais. O percurso criador, ao gerar uma compreensão maior do projeto, leva o artista a um conhecimento de si mesmo. Daí o percurso criador ser para ele, também, um processo de autoconhecimento e, conseqüentemente, autocriação, no sentido de que ele não sai de um processo do mesmo modo que começou: a compreensão de suas buscas estéticas envolve autoconhecimento” (Salles, 2006, p.65).

⁷ “Blog é uma corruptela de weblog, expressão que pode ser traduzida como “arquivo na rede”. (Komesu, 2005, p.111, grifos da autora). “O blog é concebido como um espaço em que o escrevente pode expressar o que quiser na atividade da (sua) escrita, com a escolha de imagens e de sons que compõem o todo do texto veiculado pela Internet. A ferramenta empregada possibilita ao escrevente a rápida atualização e a manutenção dos escritos em rede, além da interatividade com o leitor das páginas pessoais” (Ibid.p.113, grifo da autora).

⁸ Disponível em <http://manoelaafonso.wordpress.com/>. Vale ressaltar que o surgimento deste blog não foi ao acaso. Desde 2004 utilizo blogs como espaços para organização de informações, para comunicação, registro, divulgação e criação. Devido a tais características, percebi que o blog poderia ser uma ótima ferramenta metodológica no auxílio a essa pesquisa.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.